

EDITORIAL

POESIA E PRÁTICAS DE CITAÇÃO

Há um conjunto de verbos que bem pode constituir uma breve amostra do vocabulário utilizado recorrentemente pela crítica literária para descrever mecanismos intertextuais, interartísticos e intermediais: apropriar, aludir, citar, colar, coletar, copiar, cortar, cruzar, decupar, deslocar, editar, enxertar, fragmentar, importar, justapor, manipular, mencionar, montar, mover, reaproveitar, reciclar, recontextualizar, reelaborar, reescrever, reler, remixar, remover, reorganizar, repetir, reutilizar, samplear, selecionar e traduzir. É este universo de movimentos textuais que o dossiê do número 32 da *Texto Poético* convoca para explorar um dos mais importantes recursos da criação literária – a citação. Do texto entendido como um “mosaico de citações” segundo Julia Kristeva, ao cunhar o termo “intertextualidade” nos anos 1960, à “transtextualidade” proposta por Gérard Genette para caracterizar a relação de copresença entre um ou mais textos, a partir de um dado cruzamento de vozes. Da prática do “desvio da citação” observada em Walter Benjamin, que fez do exercício citacional um pilar decisivo de seu pensamento, entendendo a citação como um lugar de origem e de destruição da linguagem, à concepção de “citacionalidade” que Marjorie Perloff desenvolve a partir da dialética do “escrever-através” que caracteriza o trabalho do “gênio não original”. Da noção de onipotência que Antoine Compagnon atribui ao “trabalho da citação”, consentindo-o como uma das mais vigorosas formas de deslocamento, à perspectiva de “desconstruir e agravar” engendrada por Jean-Michel Maulpoix para descrever a poesia mais recente, que diz aprofundar uma linguagem objetiva citacional. Da apropriação como mote central da “escrita não criativa” proposta por Kenneth Goldsmith à ideia de “escrever sem escrever no século XXI” desenvolvida por Leonardo Villa-Forte. Como se pode ver, da segunda metade do século XX para cá tem sido bastante profícuo, efervescente e complexo o panorama teórico-

crítico que abrange desde os desdobramentos conceituais acerca da intertextualidade até a diversidade dos procedimentos apropriatórios na escrita.

O dossiê *Poesia e práticas de citação* mobiliza, dessa forma, vários desses conceitos, abordagens e debates para investigar a importância da citação nos modos de se pensar a poesia, considerando o recurso citacional como mecanismo elementar da criação poética. As formas de citar e os seus efeitos no texto permitem atribuir novos sentidos e conferir possibilidades diversas a textos preexistentes, numa dinâmica que é aqui amplamente perscrutada. De que maneira a citação desempenha um papel estrutural no processo criativo? Como o poeta lê a sua obra enquanto a escreve? E como os mecanismos de autoconsciência da escrita se relacionam com as práticas de leitura de um autor? De que modo o reaproveitamento de materiais textuais alheios ou próprios permite observar escolhas eletivas, olhares críticos e estratégias de criação? Ao acolher, dispersar ou rejeitar textualidades diversas, o poeta evidencia a sua postura poética e ética, assim como também estão nela implicadas as suas experiências de leitura. Investigar como um poeta leu outros autores, convocando a perspectiva de uma *leitura ativa*, ajuda-nos a compreender não só a obra desse poeta, mas a sua própria visão crítica sobre poesia. Daí que seja tão significativo para entender o processo criativo analisar os vestígios de leitura, o aproveitamento de fragmentos de discursos, a reutilização de frases ou versos, as justaposições textuais e a diluição das hierarquias, o desenvolvimento do pensamento em rede. O diálogo de um texto com textos anteriores, com outras formas de arte, outras mídias fortalece o espaço comparatista que estimula aproximações, conexões e confrontos, inclusive entre obras ou objetos que à partida pareceriam pouco prováveis de se relacionar.

É neste sentido que, sendo a dinâmica de escrita uma dinâmica também de leitura, as citações atuam, no domínio da memória intertextual, como sinapses pelas quais circulam impulsos, energias e esforços criativos, ou ainda como junções que permitem conectar elementos diversos, propagando ou mesmo despoletando o estímulo criativo através

de conexões em rede. A citação funciona como um elo que viabiliza as mais distintas formas de convívio entre vários elementos. Em latim, *citare* significa “fazer mover”, “colocar em movimento”, “fazer passar do repouso à ação” (Compagnon). Se bem repararmos, essa noção está na base que une os verbos coligidos no início deste editorial, apontando para a força da ação, para a energia do ato. Mais do que um gesto, o recurso citacional se estabelece como um ato, ainda que nem sempre consciente. Não por acaso, muitos verbos que são associados ao ato de citação começam com o prefixo “re-”, indicando repetição, reforço, reciprocidade ou movimento de regresso – concepções que partilham a ideia de um retorno ao ponto de partida, de uma volta ao início. Por isso, podemos dizer que *citar* implica sempre uma leitura restitutiva. O que faz lembrar Benjamin, quando diz que a tarefa do historiador materialista é vivificar o presente através da rememoração do passado, assumindo uma forma particular de citação que permite fazer desse passado uma experiência única. Ou quando Compagnon afirma que a citação é uma “rememoração da origem”, por isso não se consegue definir precisamente o seu conceito, mas tão somente anuir que toda prática de escrita e de leitura é já em si um ato de citação.

Com esse horizonte de análise, nos 11 artigos que compõem o dossiê, observaremos de perto esse conjunto de traços que marcam as práticas de citação, atentando para várias formas de conversação entre poetas e livros, filmes, músicas, procedimentos artísticos. Este número, cujo recorte temático ganha múltiplos contornos com os deslocamentos conceituais em torno do autor, do leitor e da obra nas últimas décadas, contempla ainda as relações possíveis de se estabelecer entre a criação poética e a materialidade de seus processos discursivos a partir da paródia, da ironia, da sátira, da alegoria, da colagem, da montagem, entre outras formas de apropriação textual.

Os coautores João Cláudio Arendt e Rafael de Lucena destacam a obra do importante poeta chileno Nicanor Parra, ainda pouco lido no Brasil, analisando, sob a perspectiva da antipoesia, da metapoesia e da ironia, uma seleta de poemas publicados em livros entre 1954 e 1963. Em seguida, Paulo Alberto da Silva Sales discute com viés comparatista, nas

poéticas da portuguesa Adília Lopes e do brasileiro Carlito Azevedo, a prática da citacionalidade e as referências multivocais nos seus discursos poéticos, explorando uma poética citacional, híbrida e não original, como analisa a crítica americana Marjorie Perloff, em sua conhecida obra *O gênio não original: poesia por outros meios no novo século*. Os dois poetas lidos apresentam propostas criativas distintas mas evidenciam, sobretudo em seus últimos livros, práticas de citação, de enxertos, incluindo fotografias, fragmentos de textos em língua estrangeira e de diversos gêneros, que se articulam nos poemas. Ainda sobre Carlito Azevedo, o artigo seguinte, assinado em coautoria por Frederico Nogueira Klumb e Franklin Alves Dassie, demonstra o diálogo possível entre as práticas poéticas do brasileiro com as do cineasta Jean-Luc Godard, a partir da ideia de montagem. Para isso, examinam o *Livro de Postagem* (2016) de Carlito Azevedo e o filme *História(s) do cinema, 1988-1998*, do cineasta francês.

Os quatro artigos seguintes tratam de poetas portugueses, modernos e contemporâneos, como Ruy Belo e Luis Quintais, ou clássicos, como Camões e Bocage. Sobre esses dois últimos, provocando o encontro entre o incontornável clássico e o pré-romântico insubmisso às academias, Flávia Pais de Aguiar estuda como a referenciação é processo de construção artística fundamental para Bocage em relação ao vate Camões, que é transformado em modelo estético, social e ético. A abordagem da autora vale-se dos “entendimentos aristotélico e horaciano, que norteiam a noção do processo de mimesis [...]”, valorizando a interdiscursividade, o reconhecimento da escrita alheia e os meios de recriação na constituição da própria originalidade da poesia de Bocage, no final do século XVIII. Em relação ao século XX e mesmo XXI, a autora Ana Maria Pereira Soares estuda Ruy Belo, com a análise de um excerto do poema *A margem da alegria*, cotejando-o com a obra de Dominique Saint-Alban, *Le roman d’amour des grandes Égéries*, para demonstrar o caráter hipertextual da escrita do poeta português que faleceu em 1978, deixando uma obra poética em que a prática citacional e o diálogo com tradições tornam-se mesmo obsessões criativas. Como escreve a autora, “alguns dos mecanismos compositivos utilizados pelo poeta, a sua relação com a influência é de aceitação da sua

inevitabilidade. No entanto, trata-se de uma aceitação que procura vencer esse ensombramento das vozes antigas sobre o poeta tardio.” Também sobre a poética de Ruy Belo, os coautores Adriano Tarra Betassa Tovani Cardeal e Maria Lúcia Outeiro Fernandes destacam, no livro *Homem de palavra[s]* (1970), o poema *Nós os vencidos do catolicismo*, a fim de mostrar “algumas das técnicas de intertextualidade mais usadas” pelo poeta ao longo da sua obra lírica: citação, alusão e referência. A abordagem teórica vale-se sobretudo dos críticos literários franceses Julia Kristeva (1941-), Gérard Genette (1930-2018) e Tiphaine Samoyault (1968-). Em relação aos mais contemporâneos ainda em produção, as poéticas de Francisco Alvim e Luís Quintais são analisadas pelas coautores Deyse Moreira e Ida Alves, em perspectiva comparativa, com destaque para a paródia e a alegoria como “procedimentos intertextuais e interartísticos de apropriação, metarrepresentação e refuncionalização”, os quais constituem, no âmbito da produção lírica de Brasil e Portugal, um “*imaginário apropriado*, que tem caracterizado a arte contemporânea.” A mobilização de diferentes práticas intertextuais e interartísticas questionam o trabalho poético entre repetição e transformação.

Na parte final do dossiê, Mayra Moreyra Carvalho, agora no campo da música popular brasileira, convoca Chico Buarque, ao propor “um modo de escuta de duas canções, *Pedro pedreiro* (1966) e *Construção* (1971), a partir da relação possível com a poesia dos hispano-americanos César Vallejo e Juan Gelman”. Discute, por essa trilha, como o compositor apropria-se da tradição musical e literária, pondo em movimento criativo as práticas de escuta e leitura. Em contínuo, são publicados mais três artigos: Miguel de Ávila Duarte expõe o seu estudo sobre o compositor, escritor e artista plástico americano John Cage, “citado como precursor da escrita apropriativa contemporânea por Goldsmith (2011)”. Como é explicado no artigo, “trata-se, nas próprias palavras de Cage, de uma ‘escrita através [*writing through*]’, recurso fundamental do que denominamos os textos-preparados desse autor: aplicando as regras do mesóstico ou operações aleatórias (*chance operations*), o compositor produzia um novo texto a partir de palavras, às vezes apenas sílabas e letras, de um texto

fonte, no qual o sentido e a sintaxe do original comparecem às vezes apenas residualmente”. No artigo de Patrícia Lino, com o provocativo título, “Contra a anestesia, a gargalhada corrosiva. Sobre o processo de escrita d’O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial”, o leitor conhecerá um projeto paródico e altamente crítico de determinadas noções/citações frequentes do pensamento colonial e do debate pós-colonial. Tal projeto é de sua própria autoria, como esclarece: “É sobre este estatuto de independência que *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* se constrói. Escrito por mim entre 2019 e 2020, publicado em outubro de 2020 em Portugal e no Brasil respectivamente pela Doua Correria e Edições Macondo, e composto por 40 objetos imaginários, *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial* expõe, de modo corrosivo e crítico, as contradições, absurdos e antipatias do discurso colonial português. Estes 40 objetos imaginários são sempre introduzidos pela mesma combinação: uma colagem digital, que apresenta visualmente o utensílio, e dois textos (‘o que é’; ‘como usar’). O artigo que fecha o dossiê, intitulado “The *unsivilized* figure as cultural hero of artifice: Suassuna’s João Grilo and Twain’s Huck Finn”, de autoria de Benjamin Chaffin, trata de um inesperado encontro no tempo e espaço entre o escritor brasileiro Ariano Suassuna (1927-2014) e o escritor norte-americano Mark Twain (1835-1910). A partir dos modelos do “Trickster” e do “pícaro”, os dois escritores dão voz a dois personagens “socioeconomicamente marginalizados em regiões carentes”, João Grilo e Huck Finn, estabelecendo um par que imita “o contraponto cognitivo entre Dom Quijote de Miguel de Cervantes e Sancho Pança”, com base numa abordagem da teoria cognitiva e psicossocial. Em sua perspectiva, trata-se de “heróis do artifício”.

Entre o dossiê e a seção *Vária*, temos a grande satisfação de publicar uma entrevista com Hans Ulrich Gumbrecht sobre o seu novo livro *Prose of the World: Denis Diderot and the Periphery of Enlightenment (Prosa do Mundo: Denis Diderot e a Periferia do Iluminismo)*, publicado em alemão em outubro de 2020, pela editora Suhrkamp, com previsão de lançamento em inglês em maio de 2021, pela Stanford University Press. No Brasil, a

obra deverá vir a lume pela Editora Unesp, com tradução de Ana Isabel Soares, mas ainda não há data para a sua publicação. Professor Emérito de Literatura em Stanford, ocupando a cadeira Albert Guérard, foi ainda professor na Universität Konstanz (1971-1974), onde se doutorou em 1971, e nas universidades de Bochum (1975-1982) e de Siegen (1983-1989), onde fundou o Programa de Pós-Graduação em Humanidades. Em 1989, parte para os Estados Unidos, onde desde então leciona em Stanford nos departamentos de Literatura Comparada, de Francês e Italiano, de Estudos Germânicos e de Culturas Ibéricas e Latino-americanas. Realizada por Manaíra Athayde, a entrevista ocorreu no Pigott Hall, edifício que abriga os departamentos de literaturas, culturas e línguas da Stanford University, na Califórnia. A longa conversa ocorreu em português, língua de afeto para Gumbrecht, o qual ao longo de sua carreira tem ensinado e apresentado conferências no Brasil e em Portugal. Como o leitor verá, o pensamento dele transita sempre entre línguas e, por isso, o inglês, o alemão, o francês e o espanhol são também convocados. Entre outros tópicos, conversou-se sobre a afinidade entre o estilo intelectual de Diderot e algumas de nossas preocupações no século XXI, a abertura ao mundo e a complexidade dispersiva, a fusão entre *software* e consciência, o pensamento ecológico e a continuidade da vida humana no planeta. O leitor certamente ficará bastante interessado sobre o que nos respondeu Gumbrecht.

Por fim, encerrando este número, a seção *Vária* reuniu três artigos: “Considerações sobre a concepção de metro e ritmo em Castilho”, de Paulo Franchetti; “A rua em mim: memória urbana na poesia de Ferreira Gullar e Joãozinho Ribeiro”, de Silvana Pantoja dos Santos e “A mão que balança o vero: uma proposta de leitura sobre recepção de arte”, de Luciana Fernandes Ucelli Ramos e Maria Amélia Dalvi Salgueiro. O conhecido ensaísta, crítico, professor e poeta, sempre atento ao texto poético e sua elaboração, destaca na obra do poeta oitocentista António Feliciano de Castilho (1800-1875), tão menosprezado pela Academia do século XX e praticamente ignorado na atualidade, o seu *Tratado de Metrificação Portuguesa* (1. ed. 1858), para examinar “a dupla determinação do

ritmo, que se dá pela colisão ou harmonia do metro internalizado com a realização do verso na leitura”. Afastando-se da visão depreciativa sobre o que nos deixou Castilho, Paulo Franchetti destaca pontos originais do pensamento castilhiano sobre o verso e não só, que precisam ser rediscutidos. Já o segundo artigo dessa seção realiza um estudo sobre a escrita da cidade, examinando “o processo de rememoração das ruas em *Poema sujo*, de Ferreira Gullar, e *Paisagem feita de tempo*, de Joãozinho Ribeiro”. E o terceiro artigo, fecho da *Vária*, propõe-se a analisar o papel desempenhado pela arte na cosmovisão dos sujeitos contemporâneos e, para isso, toma como *corpus* a canção de Chico Buarque de Hollanda, designando-a como “oraliteratura”.

Acreditamos, portanto, que este número da *Texto Poético* cumpre muito bem sua proposta de pensar teórica e criticamente, por diversas perspectivas e com diferentes autores e obras, as práticas citatória, intertextual, interartística e a pluralidade de procedimentos apropriatórios na escrita, discutindo criação, originalidade e transformação. Que os verbos citados no início deste editorial se movimentem nas muitas leituras propostas e que os nossos leitores dialoguem.

Ida Alves¹
Manaíra Aires Athayde²
(Organizadoras)

¹ Professora Titular de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense/UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura UFF.

E-mail: idaalves@id.uff.br. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-6892-7289>

² Pesquisadora visitante (*visiting scholar*) no Department of Iberian and Latin American Cultures, na Stanford University/SU, Palo Alto, Califórnia, Estados Unidos, e pesquisadora colaboradora do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra/UC, Coimbra, Portugal.

E-mail: manaira.athayde@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8358-6104>